

Pela janela norte de meu quarto brilha a Estrela Polar com misteriosa luz. E durante as diabólicas longas horas de escuridão, ela ali brilha. E na estação outonal, quando os ventos do norte imprecam e lamentam, e as árvores de folhas avermelhadas do pântano murmuram umas para as outras nas primeiras horas da madrugada sob a lua minguante, sento-me ao pé do caixilho e fico observando essa estrela. Descendo das alturas cambaleia a cintilante Cassiopéia à medida que as horas passam, enquanto a Ursa Maior assoma por trás das árvores do pântano vaporoso que se embalam ao sopro da viração noturna. Pouco antes da aurora, Arcturus pisca incendida acima do cemitério, sobre o outeiro, e a Cabeleira de Berenice tremula fantasmagórica e distante no misterioso leste, mas a Estrela Polar espreita ainda do mesmo lugar na escura abóbada, piscando odiosamente com um insano olho vigilante que se esforça para transmitir alguma estranha mensagem, sem nada evocar exceto que algum dia teve alguma mensagem a transmitir. As vezes, com tempo nublado, consigo dormir.

Recordo-me perfeitamente da noite da grande Aurora, quando brincavam sobre o pântano as repelentes fulgurações da diabólica luz. Depois da luz vieram nuvens, e então dormi.

E foi sob uma lua minguante que avistei a cidade pela primeira vez. Calma e sonolenta ela jazia sobre um estranho platô numa depressão entre estranhos picos. De mármore extasiante eram suas muralhas e suas torres, suas colunas, domos e pisos. Nas ruas de mármore, erguiam-se pilares de mármore cujos topos eram entalhados com as imagens de graves homens barbados. O ar estava tépido e calmo. E no alto, a cerca de dez graus do zênite, luzia a vigilante Estrela Polar. Mirei longamente a cidade, mas o dia não veio. Quando a rubra Aldebaran, que piscava a baixa altura no céu mas nunca se punha havia se arrastado por um quarto do caminho do horizonte, avistei luz e movimento nas casas e nas ruas. Circulavam por ela formas curiosamente trajadas, mas ao mesmo tempo nobres e familiares, e, sob a lua, homens conversavam sabiamente numa língua que eu jamais conhecera. E quando a rubra Aldebaran se arrastara por mais da metade do horizonte, houve novamente escuridão e silêncio.

Quando despertei, havia mudado. Gravada em minha memória estava a visão da cidade, e dentro de minha alma surgia uma outra e vaga recordação, de cuja natureza não estava bem certo. Dali em diante, nas noites nubladas em que conseguia dormir, via freqüentemente a cidade; às vezes sob os tépidos raios amarelos de um sol que nunca se punha, circulando a baixa altura da linha do horizonte. E, nas noites claras, a Estrela Polar espreitava como nunca.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

